

Conceitos axiológicos em fábulas: uma análise comparativa dos enunciados de Millôr Fernandes e de La Fontaine

Roberto Pinheiro **ARAÚJO***
Márcia Cristina Greco **OHUSCHI****

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA). Contato: robertoparaujoedu@outlook.com.

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Associada III da Universidade Federal do Pará (UFPA). Contato: marciagreco@ufpa.br.

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo realizar uma leitura analítica e comparativa da fábula “*O Lobo e o Cordeiro*”, nas versões de La Fontaine e de Millôr Fernandes, à luz da concepção dialógica da linguagem por meio dos conceitos axiológicos da entonação, do juízo de valor e do extraverbal. A escolha da fábula deu-se por seu forte apelo didático-pedagógico, com presença constante em tarefas de professores do componente Língua Portuguesa. Ademais, foi também levado em conta o seu teor ideológico-alegórico ao tratar dos valores/contradições humanos. Para a elaboração do artigo, revisitamos os pressupostos teóricos de Volóchinov (2018, 2019); Bakhtin (2016); além de pesquisadores como Gomes e Ohuschi (2021), Xavier (2023), Menegassi e Cavalcanti (2020). Os resultados expressam que os marcadores linguístico-enunciativos usados tanto na fábula tradicional quanto na paródia de Millôr expressam valores que estão em ressonância com as forças sociais, históricas e políticas do seu tempo, o Absolutismo francês e o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Espera-se, nesse sentido, que a pesquisa possa contribuir para reflexões futuras no que diz respeito à perspectiva dialógica integrada ao discurso vivo, impregnado de vida e materializado nos mais diversos enunciados.

Palavras-chave:

Conceitos Axiológicos; Gênero discursivo; Fábula; Dialogismo.

Abstract:

This work aims to carry out an analytical and comparative reading of the fable “The Wolf and the Lamb” (*O Lobo e o Cordeiro*), in La Fontaine’s and Millôr Fernandes’s versions, in the light of the dialogic conception of language through the axiological concepts of intonation, value judgment and the extraverbal. The fable was chosen due to its strong didactic-pedagogical appeal, with a constant presence in the teachers’ tasks of the Portuguese Language component. Furthermore, its ideological-allegorical content was also taken into account when dealing with human values/contradictions. To write the article, we revisited the theoretical assumptions of Voloshinov (2018, 2019); Bakhtin (2016); in addition to researchers such Gomes and Ohuschi (2021), Xavier (2023) Menegassi and Cavalcanti (2020). The results show that the linguistic-enunciative markers used in both the traditional fable and Millôr’s parody express values that are in resonance with the social, historical and political forces of their time, French Absolutism and the period of the Civil-Military Dictatorship in Brazil. In this sense, it is expected that the research can contribute to future reflections regarding the dialogic perspective integrated into living discourse, imbued with life and materialized in the most diverse statements.

Keywords:

Axiological; Concepts; Discursive Genre; Fable; Dialogism.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.28, n.2, p.123-127, Agosto. 2025

Recebido em: 28/05/2025

Aceito em: 25/07/2025

Conceitos axiológicos em fábulas: uma análise comparativa dos enunciados de *Millôr Fernandes* e de *La Fontaine*

Roberto Pinheiro ARAÚJO
Márcia Cristina Greco OHUSCHI

INTRODUÇÃO

“Não sigo Esopo, um pobre moralista a ser gozado porque é um ícone da bobagem, como a sabedoria popular, que só é sábia porque afirma as coisas de todas as maneiras. A maior parte reacionárias. E acho que já lhe disse isso: o mundo tem mais frescuras do que dramas. Me inclui fora, como dizia CBM.”
(Millôr, 2003, *apud* Coleone, 2008, p. 25).

Será que nem sempre é viável estabelecer caminhos saudáveis para a argumentação em situações extremas? A inquietação é proveniente da (re)leitura da fábula contada por La Fontaine (e não somente por ele) intitulada “*O Lobo e o Cordeiro*”. A leitura de fábulas é uma constante nas aulas de Língua Portuguesa, além de estar sempre presente em materiais didáticos de natureza diversa. Tais narrativas apresentam uma intensa atmosfera moralizante, o que as tornam enunciados que precisam ser debatidos, confrontados e pensados de maneira crítico-reflexiva nas mediações de leitura feitas em sala de aula ou fora dela. O gênero discursivo fábula, desse modo, pode ser um ótimo exercício de reflexão quando não compreendido como um texto somente para crianças, e sim como um artefato cultural imbricado, preenchido e organizado por valores situados, pertencentes a momentos singulares do espaço-tempo e que têm seus princípios axiológicos revalorados a partir das apreciações realizadas em diferentes momentos da existência.

Em face desse pressuposto, não há como mediar explicações acerca das fábulas - e de qualquer enunciado - sem considerar a concretude de sua manifestação, de sua relação com as frações materiais da vida, os processos sócio-históricos, econômicos, políticos e ideológicos a elas ancorados. Nesse viés, na arquitetura dos enunciados, a palavra está ancorada na vida e dela não pode ser apartada. Tal fato torna o enunciado inerentemente inconclusivo, pois está sempre em processo, em fluxo de permanente interação entre os sujeitos historicamente constituídos, por meio de relações marcadas por tensões humanas, manifestas em diferentes vozes. Neste estudo, abordamos, à luz dos conceitos axiológicos (entoação, juízo de valor e extraverbal), dois enunciados que se interseccionam e se afastam ao mesmo tempo: duas versões da fábula *O Lobo e o Cordeiro*. Essa pequena história já foi reenunciada por fabulistas famosos, como Esopo, Fedro, La Fontaine, entre outros.

Aqui, retomamos a fábula clássica de La Fontaine, entretanto, para além dela, apresentamos a versão/revisão/contrarresposta de Millôr Fernandes, escritor, tradutor e humorista brasileiro, o qual propôs uma desconstrução do sentido da fábula clássica pela paródia. Pelo humor, Millôr ironiza a moral fabulística tradicional e indica que devemos olhar para ela e seus valores clássicos com desconfiança. Com o objetivo de refletirmos quanto aos fatos mencionados, intencionamos realizar uma leitura analítico-comparativa da história apresentada por La Fontaine e a resposta de Millôr Fernandes a ela, a fim de verificar, a partir das ações valoradas dos personagens, as formas divergentes de compreensão da realidade desses enunciados. Desse modo, a análise tem como propósito refletir acerca do uso dos recursos linguísticos e expressivos mobilizados no *corpus* selecionado à luz dos conceitos axiológicos propostos pelo Círculo de Bakhtin. Ademais, procuramos

analisar a atitude responsiva de Millôr, a qual propõe uma revisão da moral clássica, a contrapalavra, afastando-se dela pela paródia, pela descaracterização, o que coaduna com Bakhtin (2016) quando compreende que os enunciados situados, concretos, sempre provocam uma reação. Tal reação pode convergir ou contrariar o enunciado para quem se dirige, mas sempre o redimensionará, em uma reavaliação constante do que foi dito dentro da sua singularidade.

Portanto, notamos que as relações são entrançadas ao longo do tempo-espaço, em valores que são diferentes/divergentes a cada época ou contexto de produção e que tais valores atuam uns sobre os outros, em diferentes apreciações. Nesse sentido, como propõe Volóchinov (2018), a construção da interação discursiva não acontece apenas pela natureza da estrutura e organização da língua como um sistema fechado em si mesmo, mas em permanente reorganização, na qual as vozes sociais se chocam na arena ideológica que é a linguagem, pois a “interação é a própria concepção de linguagem e constitui a realidade fundamental da língua” (Menegassi; Cavalcanti, 2020, p. 100). Logo, o sujeito é um centro axiológico em sua singularidade, isto é, um eixo de valor que, ao manifestar a linguagem, articula/agrega vários elementos que organizam a existência e que irão se contrapor a outros centros axiológicos.

Sendo assim, iniciamos o artigo por uma breve apresentação do gênero fábula e do *corpus* selecionado, no caso as fábulas de Millôr e de La Fontaine, trazendo informações contextuais acerca dos posicionamentos e fatores históricos que podem ter influenciado nas escolhas ou modos de organização dos enunciados. Após a contextualização, explicitamos, brevemente, os conceitos axiológicos que consubstanciam esta análise. Posteriormente, partimos para a análise comparativa, na qual analisamos a contrarresposta de Millôr à fábula tradicional. Ao avaliarmos os enunciados comparativamente, refletimos acerca do uso dos recursos linguístico-enunciativos exarados nas fábulas e sua relação com os conceitos axiológicos expostos em sessão anterior.

FÁBULAS: UMA BREVE HISTÓRIA VALORADA

As fábulas figuram como gêneros discursivos que sempre estão presentes em atividades que envolvem a leitura e a escrita nas salas de aula. Ao longo do tempo, tais narrativas foram classificadas como infantis, com animais falantes, por exemplo, assumindo atributos humanos, com o intuito de instruir acerca de uma conduta desejável. Entretanto, essa apreciação é equivocada. As fábulas são formas relativamente estáveis de enunciado (Bakhtin, 2016) e se constituem como textos narrativos breves, em prosa ou em versos, que usam de alegorias, metáforas e símbolos por meio de personagens personificados, os quais representam valores socioideológicos de uma determinada cultura ou sociedade. Cada personagem em uma fábula é uma pequena metáfora no jogo maior do discurso manifesto pela alegoria central (uma instrução) a partir da apreciação valorada dos comportamentos humanos expressos pelos elementos que compõem a história. Acerca da origem da fábula, Farencena e Fuzzer (2010, p. 139) afirmam que o termo é proveniente

etimologicamente do latim “fari” = “falar” e do grego “phaó” = “dizer, contar algo” (Coelho, 1984, p. 115), originalmente, a fábula era um texto oral contado às pessoas em situações informais do dia a dia. Buscando condenar usos, costumes, comportamentos e condutas, afirma Salem (1970), a fábula desenvolveu-se como uma literatura crítica e moralista, com o intuito de ensinar o homem a viver de maneira virtuosa.

Desse modo, apesar da aparente simplicidade narrativa, a fábula é um gênero discursivo de muitas camadas intertextuais e (inter)discursivas, que vai de um sentido simbólico para um fator mais palpável, expresso por um valor ou uma moral. A escolha dos animais nunca é aleatória, sendo ela própria uma manifestação das axiologias sociais constituintes de um cronotopo específico, o discurso vivo, entremeado, de forma integrada, pelas relações históricas, econômicas, políticas, científicas. Tal processo entra em consonância com o pensamento de Bakhtin (1998, p. 88), quando afirma que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível [...].

O que poderíamos refletir/repensar é a respeito de como esses sistemas de símbolos representam e refratam a sociedade atual. Para os teóricos da perspectiva dialógica, não é possível fazer recortes de enunciados, porque eles são movidos por elos inquebrantáveis, por cadeias ininterruptas de vozes, as quais atuam umas sobre as outras em permanentes zonas de tensão. Isso porque “a língua não é algo imóvel, dado de uma vez por todas e determinado de modo rigoroso em suas ‘regras’ e ‘exceções’ gramaticais. A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social” (Volóchinov, 2019, p. 167). Nesse sentido, Gomes e Ohuschi (2021, p. 51) afirmam que

em quaisquer situações de interação verbal, o autor-criador não pode ignorar que, em um determinado gênero discursivo, há uma inter-relação de vozes sociais e que a construção de sentidos não é específica de um único enunciado concreto, lido de forma isolada. Não podemos, em hipótese alguma, isolar o gênero do vínculo essencial de sua cadeia de comunicação discursiva, pois, ao desprezarmos os elos retrospectivos da interação, perdemos as possibilidades de atribuição de sentidos que só acontece quando o leitor recupera outros discursos para que os elos prospectivos se concretizem.

Tais considerações encontram ressonância com o pensamento de Volóchinov (2019, p. 117), quando afirma que “a palavra é completada pela própria vida e não pode ser separada dela sem que seu sentido seja perdido”. Portanto, a palavra é um apinhado de valores, que reverbera nas mais diversas apreciações sociais, sendo estas entretecidas e enriquecidas pelas interações discursivas construídas entre sujeitos históricos em sua singularidade. É importante reiterar que esses valores ou apreciações estão em constante processo de renovação e que esse processo é contínuo, fluido e constitui-se em uma cadeia ideológico-discursiva que se projeta/inclina sobre outra consciência e, de forma cumulativa, revaloriza o enunciado. Portanto,

não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. [...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (Bakhtin, 2003, p. 410).

A fábula de La Fontaine selecionada para este artigo é simples, mas impactante, e narra a desventura e o desalento de um Cordeiro ao encontrar um Lobo que, já mal-intencionado, desconsidera a argumentação consistente do Cordeiro e o devora. Por mais que a razão estivesse ao seu lado, o Cordeiro não resiste à força do Lobo e daí advém a moral: “*Contra a força não há argumento*” (moral que, em diferentes versões da fábula, é atualizada e posta de outras formas). No entanto, essa é uma versão possível da compreensão das atitudes do Lobo. Já o enunciado de Millôr emprega a paródia, o distanciamento, e faz uso dos recursos estruturais da fábula para o humor ou expressão da ironia. É importante também ressaltar, conforme Coleone (2008), que o livro “Fábulas Fabulosas”, de Millôr Fernandes, foi escrito no contexto da ditadura civil-militar do Brasil, mais especificamente no governo Médici, marcado pelo draconiano Ato Institucional Nº 5. É um contexto de extremo autoritarismo. Acerca da obra do humorista, o pesquisador assegura que “Millôr definitivamente não é o fabulista tradicional, clássico, mas o autor da anti-moral através da

irreverência, retratando esse contexto sócio-histórico de poder, repressão, dominação, autoritarismo através das personagens fabulares” (Coleone, 2008, p. 24).

Fiorin (2001), em um estudo profícuo relativo às fábulas e à relação clássico/parodístico, afirma que a moral da história diz que “*a razão do mais forte é sempre a melhor*” (Fiorin, 1986, p. 89). Com isso, aponta para o fato de que o discurso do mais forte não é necessariamente verdadeiro. Nota-se que, para uma mesma narrativa, há versões diferentes do ensinamento. Esse permanente reposicionamento do discurso, a partir de vozes dissonantes ou confluentes, é um princípio elementar da concepção dialógica da linguagem, uma perspectiva que exige a presença do outro, em uma forte relação de alteridade, nas quais as conexões são manifestas/constituídas pela reação e pela não indiferença, ato que torna o sujeito não álibi da existência (Bakhtin, 2010).

Tais afirmações corroboram a ideia de que os enunciados se modificam, de que a palavra na condição de signo ideológico não tem valor fixo, ela será continuamente (re)valorada e se reveste de novos mecanismos e deslizamentos semânticos a partir dos movimentos internos ou as vozes sociais presentes na consciência socioideológica do sujeito que, ao ter contato com os enunciados, trata de atribuir a eles outros valores pertencentes ao chão das vivências. Nesse conjunto de valores, pulsa a ideologia, o “sistema de trocas simbólicas desenvolvidas por determinado grupo social” (Miotello, 2008, p. 176). Ao considerar a concepção dialógica da linguagem, mais especificamente na categoria das axiologias sociais, avaliamos os enunciados selecionados e a forma como eles manifestam tons/colorações específicos a partir de atos singulares de uso da linguagem em seus recursos linguístico-enunciativos marcados no estilo verbal.

Assim, este trabalho ressalta como as axiologias sociais (e tudo que as cerca) impregnam a linguagem e de como esses valores estão expressos nos comportamentos das personagens. Nesse sentido, evidenciamos os recursos linguístico-enunciativos e de como eles refletem e refratam as marcas ideológicas de um cronotopo singular. Para isso, adotamos como princípios orientadores para a análise os conceitos axiológicos (entoação, juízo de valor e extraverbal), os quais abordamos na próxima seção.

ENTONAÇÃO, JUÍZO DE VALOR E EXTRAVERBAL: BREVE EXPOSIÇÃO CONCEITUAL

Vida é devir. A vida constitui-se, alimenta-se da mudança. Assim também é a linguagem, composta pelos encadeamentos históricos, sociais, ideológicos e políticos em permanente (re)construção. Ao manifestar-se, a linguagem organiza-se em gêneros, enunciados discursivos movidos pelas práticas sociais nas mais diferentes expressões do conhecimento humano. O enunciado é ato discursivo e, como tal, movimenta em torno de si variadas acentuações valorativas. Todo enunciado está sujeito a apreciações ou avaliações sociais, pois a “essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados” (Volóchinov, 2019, p. 268). Em síntese, os enunciados são atravessados por axiologias, valores construídos historicamente pelos sujeitos e em sociedade, sendo que “esse valor é atualizado, adequado ao querer-dizer de cada grupo, a considerar suas condições sociais, históricas e ideológicas no momento do intercâmbio verbal” (Bezerra; Menegassi, 2022, p. 198).

Tais valores, a depender do tempo e das relações humanas, modificar-se-ão, assumirão novas tonalidades e revestimentos ideológicos. A palavra, ao preencher-se de vida, manifesta e evoca diferentes valores, tecidos nos fios invisíveis dos elos discursivos. Ao integra-se à vida, a palavra constitui-se como enunciado, o qual é organizado em duas partes “1) a parte realizada (ou atualizada, constituída por marcas linguísticas, sejam verbais ou verbo-visuais) e 2) a subtendida” (Volóchinov, 2019, p. 120). Na parte presumida (subtendida), moldada pelo contexto sócio-histórico-ideológico, temos os discursos conectados entre si, atuando uns sobre os outros, a partir dos valores e experiências manifestos na estrutura/tecido social. Menegassi e Bezerra (2022, p. 199) indicam que

os valores, as experiências, as opiniões compartilhadas a despeito de determinadas questões, as avaliações producentes ou contraproducentes acerca dos comportamentos e das ações humanas só podem ser percebidas no enunciado, pela parte subtendida, uma vez que não fazem parte do individual, mas, do coletivo.

Conforme observamos, a palavra na “vida não é autossuficiente” (Volóchinov, 2019, p.117), o que significa dizer que ela, ao inserir-se em um cronotopo particular, ganha em amplitude, dimensão e valor. Recobre-se, então, de uma atmosfera ideológica e assume diferentes encadeamentos semânticos, sintáticos e pragmáticos. A palavra, ao mover-se pelos imprevisíveis campos de força da vida humana, usa de diversas máscaras, as quais se moldam e formam a partir das condições de produção em que ela (a palavra) foi proferida. “A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida [...] (Volóchinov, 2019, p. 121). Não há, portanto, neutralidade no rio-discurso e eximir-se significa responsabilizar-se, pois a palavra ao ancora-se a uma realidade reveste-se da arquitetônica do seu tempo. Em contexto, a palavra é passível de apreciações, avaliações daqueles que com ela entram em interação, pois ela está em permanente atrito com os fatores que compõem a realidade. Nesse fluxo renitente, a palavra modifica quem dela se apodera e quem dela se apodera é modificado. Esse processo de inter(ação), no qual “a palavra entra em contato com o acontecimento cotidiano, fundindo-se com ele em uma unidade indivisível” (Volóchinov, 2019, p. 118.) é chamado de extraverbal.

Para explicar o extraverbal, Volóchinov (2019) lança mão de um exemplo interessante: “O homem de barbicha branca, sentado à mesa, depois de um minuto de silêncio disse: ‘É!’. O jovem em pé à sua frente enrubesceu, deu-lhe as costas e foi embora” (Volóchinov, 2019, p. 283). Para o pensador, tal diálogo torna-se impraticável se desconhecermos os elementos extraverbais que os constituem, organizam e estruturam o sentido. Sendo assim, precisamos ter em mente, primeiramente, conforme Volóchinov (2019), onde e quando esse diálogo ocorre (horizonte espacial e ideacional comum partilhado pelos participantes do diálogo - a unidade do visível) e em quais condições; em segundo ponto, é necessário refletir acerca dos objetivos/temas do diálogo e o que está em jogo (conhecimento e a compreensão da situação comum aos envolvidos no processo de interação); em terceiro, é essencial considerar as intenções manifestas e os papéis exercidos pelos interlocutores, como se avaliam mutuamente.

A partir desses elementos, Menegassi e Cavalcanti (2020, p. 101-102) consideram que o extraverbal representa os fatores “não explicitamente demarcados na materialidade analisada”. São conteúdos implícitos, tecidos por horizontes socioideológicos em contínua tensão, os quais projetam, em fluxo incessante, diferentes perspectivas da realidade. Nesse sentido, “cabe justamente ao interlocutor identificar essas características no meio social para que a compreensão do enunciado se qualifique, permitindo que a interação se instale e a enunciação se efetive, gerando o ato comunicativo” (Menegassi e Cavalcante, 2020, p. 102). Para além da *situação* e seus princípios constitutivos, é importante também apreciar o peso das expressões, a força expressiva das palavras quando manifestas, ou seja, a entonação. A entonação é o “condutor mais flexível e sensível daquelas relações sociais existentes entre os falantes em uma dada situação” (Volóchinov, 2019, p. 287). O sujeito, quando enuncia, emite um posicionamento (expresso em palavras, gestos ou expressões) e carrega em seu discurso o tom avaliativo. Ele, então, espera do seu interlocutor uma reação ou atitude. A entonação tem o papel de “vincular o dito e o não dito” (Menegassi; Cavalcante, 2020, p. 203) e enfatiza a atitude do sujeito ao tomar posições. Segundo Volóchinov (2019, p. 123), a entonação

sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação é social *par excellence*. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente que circunda o falante.

A entonação, nesse sentido, é um produto das relações humanas que exterioriza a memória semântico-social, sempre impregnada de forças ideológicas, acentuações valorativas e juízos de valor. Acerca da entonação, é importante também retomar os estudos empreendidos por Menegassi (2022). Para o pesquisador, a entonação é concebida “como modulação de voz ao se emitir um som vocal” (Menegassi, 2022, p. 2). Reiteramos, no entanto, conforme o autor, que não se trata somente da voz física, mas da imagem acústica que se manifesta no discurso interior daquele que produz e do que lê o texto. Entremeados a esses elementos, estão as apreciações e os valores, constituídos ao longo das interações sociais. Em termos de definição, Menegassi (2022, p. 2) afirma que a entonação é “a emissão vocal compreendida como elemento que possibilita a constituição de uma imagem mental da voz, da sua acústica, que ressoa no interior da mente do indivíduo”. O pesquisador ainda apresenta os aspectos necessários à entonação: a expressiva (que se volta ao estilo de linguagem, às escolhas linguísticas, as quais já são carregadas de valores) e a valorativa (que traz as avaliações sociais dos discursos que circulam na sociedade). Menegassi (2022, p. 3) ainda declara que “não há como separar a entonação expressiva de entonação valorativa, pois são dois aspectos do mesmo elemento, que se apresentam e se constituem justapostos”, sendo fundamental compreender como a entonação valorativa se efetiva na linguagem escrita, ideia que explicitaremos mais adiante.

Em adição ao que foi discutido, temos ainda o juízo de valor, definido como “uma construção social atravessada pelas posições ideológicas espaço-temporais que constituem o sujeito e o respectivo grupo social” (Volóchinov, 2019). O juízo de valor se agrega à entonação, definida como o “elemento materializador da atitude avaliativa do falante” (Bakhtin, 2010). Devido a esse posicionamento ativo presente na entonação, marcado por julgamentos e marcas apreciativas - de uma constante reelaboração e atualização da palavra - Sobral (2009) opta pela terminologia “entonação valorativa”, uma vez que “[...] toda enunciação envolve um tom avaliativo impresso pelo sujeito e suas alterações verbais, de acordo com suas relações com seu interlocutor e o momento da interlocução” (Sobral, 2009, p. 83-84). Nesse sentido, “o tom avaliativo definido pelo sujeito leva em conta o interlocutor e o momento de realização do ato comunicativo, com seus enunciados efetivos. Dependendo a quem se dirige, o locutor define seu tom avaliativo” (Menegassi; Cavalcanti, 2020, p. 106-107).

É por meio da associação entre esses conceitos (juízo de valor, extraverbal e entonação) que movemos nossa intenção, com intuito de observar, no *corpus* selecionado, como os recursos linguístico-enunciativos estão entremeados de valores sociais, ideológicos e históricos. É o que apresentamos na próxima seção.

JUÍZO DE VALOR, EXTRAVERBAL E ENTONAÇÃO NAS FÁBULAS DE LA FONTAINE E MILLÔR: UMA LEITURA COMPARATIVA E CONTRASTIVA

A fábula “O Lobo e o Cordeiro” está presente nas seleções feitas por grandes contadores de histórias da humanidade. Originalmente, conforme indica Xavier (2023), a narrativa é atribuída a Esopo (séc. VI a. C.). Entretanto, ao longo das incontáveis eras, muitas versões surgiram. Para este trabalho, trouxemos a tradução feita pelo poeta e crítico de Arte Ferreira Gullar, a partir da versão francesa escrita em versos por La Fontaine; além dela, apresentamos a versão do escritor e humorista brasileiro Millôr Fernandes. As versões constam no quadro a seguir:

Quadro 1: Fábulas *O Lobo e o Cordeiro*, de La Fontaine e Millôr Fernandes

Texto I	Texto II
<p style="text-align: center;">O Lobo e o Cordeiro</p> <p>Na água limpa de um regato, Matava a sede um Cordeiro, Quando, saindo do mato, Veio um Lobo carniceiro.</p>	<p style="text-align: center;">O Lobo e o Cordeiro Millôr Fernandes</p> <p>Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do Lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo que ouvia a voz cavernosa: "Vais pagar com a vida o teu</p>

<p>Tinha a barriga vazia, Não comera o dia inteiro. – Como tu ousas sujar a água que estou bebendo? – rosnou o Lobo, a antegozar o almoço. – Fica sabendo que caro vais me pagar! – Senhor! – falou o Cordeiro – encareço a Vossa Alteza que me desculpeis, mas acho que vos enganais: bebendo, quase dez braças abaixo de vós, nesta correnteza, não posso sujar-vos a água. – Não importa! Guardo mágoa de ti, que, no ano passado, me destrataste, fingido! – Mas eu nem tinha nascido. – Pois, então, foi teu irmão! – Não tenho irmão, Excelência. – Chega de argumentação. Estou perdendo a paciência! – Não vos zangueis, desculpai! – Não foi teu irmão? Foi o teu pai Ou senão, foi teu avô – disse o Lobo carniceiro. E ao Cordeiro devorou.</p> <p>Moral: Onde a lei não existe, ao que parece, a razão do mais forte prevalece.</p>	<p>miserável crime". "Que crime?" - perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com o Lobo não adianta argumentar. "O crime de sujar a água que bebo". "Mas como posso eu sujar a sua água se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da Fazenda?" - indagou o cordeirinho. "Por mais limpo que esteja um Cordeiro é sempre sujo para um Lobo" - retrucou o Lobo. "Mas como posso eu sujar a sua água, se estou abaixo da corrente?, tornou a argumentar o cordeirinho. "Pois se não foi você foi seu pai, se não foi seu pai, foi seu avô, e eu vou comê-lo do mesmo jeito, pois sou arbitrário e, segundo rezam os manuais, só me alimento de carne de Cordeiro" - finalizou o Lobo preparando-se para devorar o cordeirinho. "Ein moment! Ein moment! – disse o cordeirinho, que sabia seu alemão kantiano. "Dou-lhe toda razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei pra cá todo o rebanho". "Chega de conversa" - disse o Lobo - "Vou comê-lo, e está acabado." "Mas, espera aí" – tentou ainda o Cordeiro, "isso não é ético". Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas". "Pois bem" – disse o Lobo. - "Qual é o animal mais estúpido do mundo?" "O homem casado" - respondeu prontamente o Cordeiro. "muito bem, muito bem!" - disse logo o Lobo, logo refreando, envergonhado, o súbito entusiasmo. "Outra: a zebra é um animal branco de listas pretas ou um animal preto de listas brancas?" "Um animal sem cor pintado de preto e branco para não passar por burro". - respondeu o cordeirinho. "Perfeito!" - disse o Lobo engolindo em seco. "Agora, por último, diga uma frase de Bernard Shaw". "O Marechal Lott é o futuro Presidente da República" - respondeu logo o Cordeiro. "Muito bem, muito certo, você escapou!" - deu-se o Lobo por vencido. E já ia se preparando para devorar o Cordeiro quando apareceu o caçador e o esquartejou.</p> <p>Moral: Quando o Lobo tem fome não deve se meter em filosofia.</p>
--	---

Fonte: La Fontaine (1997, p. 12); Fernandes (2007, p. 188).

Percebemos de imediato, logo no início, no enunciado de La Fontaine, a caracterização dos personagens. Ao Cordeiro é dispensado, por exemplo, um uso formal e polido da linguagem quando, ao referir-se ao Lobo, usa pronomes de tratamento como *Senhor*, *Vossa Alteza*, *Excelência*, em um tom excessivamente cortês. Tais termos afirmam a posição humilde/subserviente do Cordeiro diante do Lobo, de submissão, ou uma tentativa possível de enaltecer a figura do Lobo, a fim de escapar do seu destino. Além disso, há uma *gradação/escalonamento* no uso desses pronomes, a primeira forma é *Senhor* em sinal de respeito; depois, *Vossa Alteza*, empregado a pessoas da nobreza e, por fim, mas não menos interessante, é empregada a palavra-ação *Excelência*, usada para juízes, por exemplo, pessoas movidas pela lei, o que move um paradoxo dentro a história, uma vez que o juiz foi o próprio carrasco, sendo o Lobo o executor da sentença.

Não há como não indicar as relações possíveis com as forças sociais e históricas do seu tempo, uma vez que estamos falando dos anos da corte do rei Luís XIV (1643-1715), caracterizado como a expressão máxima do Absolutismo. Importante trazer à tona tal fato, pois a paródia de Millôr, como veremos mais à frente, também nasce em um contexto de autoritarismo. Isso nos permite evocar a ideia do horizonte espacial ideacional, que envolve “o contexto histórico-cultural e os conhecimentos que os envolvidos, como o tema discutido, as posições sociais de cada interlocutor, etc.” (Menegassi; Cavalcanti, 2020, p. 102). Como reiterado em tópicos anteriores, a palavra não pode ser destituída da

vida, das forças históricas do tempo a que pertence, pois a “língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (Volóchinov, 2021, p. 220). Conforme Volóchinov (2013, p. 86),

uma enunciação concreta (e não uma abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes da enunciação. Sua significação e sua forma em geral se definem pela forma e o caráter desta interação. Ao arrancar a enunciação deste chão real que a alimenta, perdemos a chave que abre o acesso de compreensão tanto de sua forma quanto de seu sentido; em nossas mãos ficam ou uma moldura linguística abstrata, ou um esquema abstrato de sentido.

Em uma reflexão mais adiante, demonstraremos o quanto os elementos não diretamente presumíveis no texto dão a eles, quando conscientes, novas tonalidades e dimensões. Logo, reafirmamos que essas escolhas são representações, tons avaliativos dos valores debatidos na fábula de Fontaine, na contraposição entre inocência x crueldade. Nesse sentido, é por meio das atuações verbais, em situações específicas de interação, que os interlocutores atuam uns sobre os outros e manifestam, em seu percurso discursivo, os seus tons avaliativos impressos (Sobral, 2009). Outrossim, é imperioso atentar para o fato de que, em relação ao Lobo, há sempre escolhas linguísticas que manifestam o seu caráter violento, como o tom acusatório e intimidatório: “*como tu ousas; vais me pagar*”. Isso aponta para a moral que será delineada ao final da história, de que o Lobo não tinha dúvidas do que iria realizar, de que todas as suas ações (e isso inclui marcas linguísticas específicas, como uma linguagem acusatória) indicam que ele estava já decidido a devorar o Cordeiro. Para além disso, é interessante notar a moral desta versão em particular, a qual enaltece a importância da lei como princípio regulador da sociedade, como o meio que possibilita a não escalada da violência. Não estaria, então, implícita na fábula uma crítica ao mundo do seu tempo? Aqui, podemos expandir a noção do extraverbal. A respeito desse momento histórico, Avila (2018, p. 35, grifo nosso) afirma que

temos de ter em vista que qualquer análise acerca do homem, seja no âmbito social, político, econômico, qualquer que seja, se situa num contexto e linguagem específicos. Os homens são fruto de uma série de circunstâncias que moldam seu caráter, sua fisionomia, sua língua, seus costumes. Seu modo de agir está imbuído de sua historicidade. **Porém, na medida em que La Fontaine se refere ao homem da Corte, e ele fala num período marcado pela Monarquia absolutista, em que o próprio rei se denominava o Sol, o astro maior, o qual todos os outros deveriam circundar, é mais do que profícuo que nos dediquemos a analisar quem são esses astros e porque circundam sua estrela?**

Ao refletirmos acerca dessas observações, podemos concluir que, para uma efetiva compreensão dos enunciados, há a necessidade de avaliar o seu processo de produção, o modo como interage ou circula no mundo, isto é, há de se considerar o aspecto extraverbal, elemento que favorece a interação entre os participantes do processo comunicativo. Menegassi e Cavalcanti (2020, p. 103) afirmam que, para que a compreensão se estabeleça, a dependência do contexto “exige, por parte dos participantes do ato comunicativo, que conheçam, ambos, pelo menos alguns traços em comum sobre o que diz, a situação em que se produz, e as condições de recepções constituídas”. Em sua réplica, Millôr retoma a fábula em sua estrutura/organização clássica, com o Lobo e o Cordeiro à beira de um riacho e a aproximação ameaçadora; além disso, o escritor usa o termo cordeirinho, o qual também faz referência à organização tradicional da fábula: “Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do Lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo que ouvia a voz cavernosa: “*Vais pagar com a vida o teu miserável crime*”. Mas, após a apresentação (que para o leitor conhecedor da história faz toda diferença), a narrativa muda de perspectiva, e a crescente tensão, expressa no esquema tradicional, é abandonada e já temos um Cordeirinho bem diferente: “*Que crime? - perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com o Lobo não adianta argumentar.*”

Se no texto do fabulista francês podemos ter uma crítica aos costumes de sua época, na versão de Millôr, podemos inferir que haja uma apreciação ao momento histórico vivido (o período da ditadura militar no Brasil). Essa afirmação pode ser exemplificada pelo início da narrativa, em que fica evidente que o Cordeiro já não é ingênuo, que não atuará como ser subserviente, pois ele indaga “*Que crime?*”. Além disso, podemos ratificar o reposicionamento do personagem a partir do uso dos verbos *dicendi* ou declarativos (“pensou”, “indagou”, “respondeu”). Essa diferença na entonação é proposital, marca um posicionamento ativo, porque dialoga com o redimensionamento da representação dos personagens, apresentando um Cordeiro altivo e arguto, seguro do que viria. Outrossim, há a presença de orações interrogativas, estruturadas em forma de diálogo (com constante troca de turnos), estratégia do Cordeiro em ganhar tempo, mas também como o uso da razão, da argumentação, para escapar do Lobo (representação do arbitrário). Aqui, temos uma resposta diferente proposta pelo autor, pois não é a força que se sobressai, mas a inteligência.

Nessa senda, já é revelada aos interlocutores a intenção de Millôr de não retomar, por aproximação, a fábula clássica, o que manifesta uma mudança entonacional quanto ao texto clássico, a partir da perspectiva assumida por Millôr em reavaliar o texto original. Dessa forma, para o Círculo, “o juízo de valor é uma construção social atravessada pelas posições ideológicas espaço-temporais que constituem o sujeito e o respectivo grupo social” (Volóchinov, 2019). No tocante a tal processo, Volóchinov indica que o “campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguais. Onde há signo há também ideologia. *Tudo que é ideológico possui significação signica*” (Volóchinov, 2018, p. 93, grifo do autor). A opção por parodiar os textos tradicionais envolve um posicionar-se, em que há um diálogo-resposta permanente entre as percepções do passado e as atuais. No caso de Millôr, podemos evocar o contexto da ditadura civil-militar, dentro do período do Ato Institucional Nº 5, o mais repressivo período político desse momento histórico.

O Cordeiro aqui reforça a ideia do questionamento e da inteligência que podem ser usados em contextos de força, de violência. Não à toa também emprega os recursos provenientes da Filosofia, área do conhecimento que tem por pressuposto a contestação. Nesse sentido, considerar o enunciado como uma manifestação integrada (social, histórica, política, científica, econômica) permite ter um olhar mais responsivo, de maior capacidade de interação com o dito (e não dito). Em relação a esse processo, Gomes e Ohuschi (2021) afirmam que toda enunciação provém de uma situação concreta, na qual os aspectos pragmáticos, contextuais e históricos, de forma interconectada, articulam-se e atuam para produção dos sentidos.

Esses fatores do extraverbal permitem-nos estabelecer incursões na contemporaneidade no que tange ao discurso do Lobo, dentro do teor apreciativo comum da interação verbal e os tons valorativos que marcam/constituem a arquitetônica do enunciado. Durante a argumentação de ambos, outro ponto que merece consideração é quando o Lobo alega o seguinte: “*se não foi seu pai, foi seu avô, e eu vou comê-lo do mesmo jeito, pois sou arbitrário e, segundo rezam os manuais, só me alimento de carne de Cordeiro.*” Vislumbramos aqui que o Lobo se cerca de um falso argumento de autoridade, indicado pela conjunção conformativa “segundo”, a qual indica que há referências que justificam seu comportamento. Entretanto, o argumento é vago, pois não há indícios claros desses manuais. Percebemos, ainda, uma seleção criteriosa dos signos, a fim de constituir e organizar o projeto de dizer do autor. Quanto a esse processo de costura semiológica, no qual se evocam valores e ideologias que se manifestam no gênero discursivo materializado, Bakhtin (1998, p. 100) afirma que “a palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna própria, quando o falante a povoa com sua intenção”. No trecho: “*Dou-lhe toda razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei pra cá todo o rebanho.*” “*Chega de conversa*” - disse o Lobo - “*Vou comê-lo, e está acabado.*” “*Mas, espera aí*” – tentou ainda o Cordeiro, “*isso não é ético*”. Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas”. “*Pois bem*” – disse o Lobo”, observamos que o Cordeiro é firme, comportamento expresso inclusive em suas atitudes no texto, muito diferente da caracterização feita por La Fontaine. Mais do que firme, o Cordeiro é um questionador.

Na fábula clássica, o Cordeiro não questiona; aceita seu destino. Na narrativa de Millôr, o Cordeiro usa do artifício da razão, do diálogo (à maneira de Sócrates?), para escapar da brutalidade (Não seria esse o grande ensinamento da fábula?). E é curioso que usa o expediente da Filosofia, um

campo de conhecimento historicamente perseguido por tiranos e figuras autoritárias, como evidencia Faustino (2019, p. 354), em seu artigo “*Os riscos do pensar filosófico em tempos autoritários*”:

E pensamos ser esse o momento em que a filosofia apresenta certo perigo, pois é quando ela aceita o desafio de abrir-se para o mundo e dialogar diretamente com ele, que o pensar efetiva a potência de desfazer, degelar e escavar aquilo que na linguagem – conceitos, frases, definições, doutrinas – ficou enterrado na tradição como o “normal”, como o “ordinário” ou como “comum” (ARENDR, 2009, p. 197). É a partir disso, que a filosofia se torna “perturbadora da paz” (JASPER, 2003, p. 140), pois sua criticidade inerente revela uma potência destrutiva e corrosiva sobre todos os critérios que são oficialmente estabelecidos, valores, padrões para o bem e para o mal, regras de condutas, identidades, gêneros etc.

Na própria organização da fábula, há um diálogo, em perguntas e respostas, entremeado pela argumentação, o que podemos inferir ser uma possível homenagem à Filosofia, como uma esfera da atividade humana em que o conhecimento é o eixo central (em oposição ao autoritarismo). Além dos fatos mencionados, o Cordeiro recorre à ética, ao afirmar que tem direito a um desafio. O Lobo respeita esse direito, o que é uma contraposição às atitudes do Lobo das fábulas tradicionais, que não aceita o diálogo.

Outro elemento que também desperta reflexão são as perguntas feitas ao Cordeiro, em que há marcas do *nonsense*. Entretanto, mesmo que à primeira vista ressoe como algo sem propósito, reconhecemos nas perguntas a estratégia para ganhar tempo. A primeira pergunta é uma avaliação sobre o casamento e, mais especificamente, do homem casado: “*Qual é o animal mais estúpido do mundo? O homem casado*”. Além da pronta resposta do Cordeiro, que permanece seguro o tempo todo, sem titubear antes aos questionamentos (sendo ele próprio um questionador, o que não acontece na versão clássica de La Fontaine), a natureza das perguntas desperta ademais esse aspecto da desconstrução proposta por Millôr com suas fábulas fabulosas, em uma postura de réplica ante ao texto clássico.

O que se evidencia a partir da confrontação entre as fábulas clássica e contemporânea é que, mesmo distantes no tempo, esses enunciados se resvalam e estabelecem entre si relações dialógicas, “[...] Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum” (Bakhtin, 2010, p. 320). Além dos fatos mencionados, é essencial explicitar que os questionamentos remontam ao projeto de dizer do autor-criador, por meio de suas escolhas valoradas quanto ao uso dos recursos linguísticos. Nelas, ele (o autor) manifesta suas apreciações, as quais se articulam não apenas na escolha de termos como “homem casado” (que no discurso interno e partilhado dos leitores pode se manifestar como humor), mas também na estrutura das perguntas, as quais ratificam o afastamento do texto clássico, parodiando-o. Menegassi (2022, p. 6), acerca desse processo, afirma que:

As escolhas lexicais, as construções sintáticas, não são apenas apresentadas, são pensadas, refletidas, construídas para que os efeitos de sentido aqui inferidos sejam revelados ao leitor a partir da materialidade linguística, o que caracteriza a entonação expressiva, vinculada obrigatoriamente à avaliação social pretendida pelo autor e aos valores ali presentes.

Uma observação que não podemos deixar de realizar é a alusão ao ensaísta e escritor Bernard Shaw, autor de comédias satíricas e conhecido por seu espírito irreverente e por expor as hipocrisias de seu tempo. Apesar de iconoclasta, Shaw é uma figura controversa, como indica Zanirato (2011, p. 14) ao afirmar que, mesmo leitor de Darwin, Max e Lamarck, o escritor irlandês deixou-se

influenciar apenas por aspectos específicos de suas teorias, e tem em consequência um determinismo fisiológico e aristocrático. Aproxima-se, assim, do “Super-homem” de Nietzsche e dos ideais eugênicos adotados posteriormente pelo nazi-fascismo, algo manifestado em sua peça *Man and Superman* (Homem e Super-homem, publicada em 1905). Claro está que o credo pessoal de Shaw é um tanto paradoxal. Transita entre uma política com ligeiros toques de totalitarismo para o determinismo biológico excluyente, ao mesmo tempo em que prega politicamente de acordo com um socialismo utópico.

Observemos que, mais uma vez, temos na voz do Lobo um flerte com o autoritarismo. Não menos interessante é ainda a resposta do Cordeiro ao Lobo, pois se trata de um enunciado que não pertence ao escritor. Na verdade, ela esconde uma referência à história do Brasil, tendo o Marechal Lott como figura emblemática. Em 1955, Henrique Batista Duffles Teixeira Lott interveio significativamente a fim de ratificar a prevalência do voto popular e assim garantir a posse de Juscelino Kubitschek no pleito presidencial. Além disso, defendia publicamente o voto dos analfabetos e era figura perseguida por representantes da extrema direita. Essa composição de elementos é singular, pois temos um representante da história que foi movido por forças contrárias ao autoritarismo, legítimo representante, em suas atitudes, da Democracia. Há aqui uma forte expressão da singularidade do enunciado, o qual, conforme Bakhtin (2010, p. 328),

Só o enunciado tem relação imediata com a realidade e com a pessoa viva (o sujeito). Na língua existem apenas possibilidades potenciais (esquema) dessas relações (formas pronominais, modais, recursos lexicais, etc.). Contudo, o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais, enquanto dado), mas imediatamente – e isso é o que mais importa para nós – com outros enunciados no âmbito de um dado campo de comunicação.

Essa escolha de termos está relacionada à intenção discursiva dos autores, cada qual com finalidades bem orientadas a partir de posicionamentos/feixes ideológicos presentes na organização das ações, na escolha dos signos, os quais carregam em si tonalidades volitivo-emocionais, uma vez que, no processo de construção da enunciação, os interlocutores mobilizam valores e tons avaliativos expressos em seu percurso discursivo (Sobral, 2009). Aos leitores, cabe realizar a leitura apreciativa a fim de fazer emergir tais apreciações valorativas presentes nas marcas linguísticas do texto, com intuito de vivenciar uma trajetória significativa e profunda de leitura e que promova a interseção da palavra à vida, objetivo central deste trabalho.

Conforme observamos, é imprescindível que esses enunciados sejam debatidos em todas as suas dimensões. Na sala de aula, por exemplo, a leitura comparativa das fábulas pode expandir/potencializar a consciência socioideológica dos sujeitos, a fim de que os discentes possam reconhecer a não aleatoriedade dos signos. Além disso, há, nessas escolhas, processos axiológicos, evocados na singularidade das relações históricas nas quais eles pertencem. Portanto, as escolhas não são aleatórias, representam recortes avaliativos da realidade, fragmentos que precisam ser postos em debate, uma vez que, para a manutenção do espírito democrático, a pluralidade deve ser incentivada, assim como o olhar criterioso acerca das diversas vozes sociais viventes em uma sociedade. Esperamos, portanto que com esse trabalho possamos ter contribuído de alguma forma para os debates acerca dos conceitos axiológicos e sua manifestação nos mais variados enunciados que permeiam a sociedade, nessa definitiva e poderosa arena ideológica que é a existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve trabalho, procuramos abordar, à luz dos conceitos axiológicos (entonação, juízo de valor e extraverbal), a fábula tradicional “*O Lobo e o Cordeiro*”, de La Fontaine, e a contrarresposta do escritor brasileiro Millôr Fernandes. Nosso objetivo com este estudo foi realizar uma leitura analítico-comparativa dos enunciados selecionados e verificar, a partir das ações valoradas dos personagens, as relações dialógicas, uma vez que, como preconiza os pensadores do Círculo, só é possível que se estabeleça e se construa uma visão dialógica a partir de enunciados integrais, nos quais se manifestem formas divergentes de compreensão da realidade a partir das escolhas linguístico-enunciativas.

A seleção do *corpus* deu-se pelo uso constante do gênero discursivo fábulas em tarefas que envolvem o ensino e a aprendizagem de língua materna, o que torna imprescindível um debate consistente acerca desses textos. Selecionamos, nesse sentido, a fábula “O Lobo e o Cordeiro”, retomada por escritores conhecidos, seja na tradição clássica ou na escrita contemporânea, como La Fontaine e Millôr Fernandes.

Apesar de o texto de Millôr retomar o enunciado de La Fontaine, é evidente que a retomada do primeiro se constitui por negação; já a do último se estabelece aproximação ao sentido clássico. Nesse sentido, a partir da análise realizada, evidenciamos que tais marcações ou singularidades de escolhas de termos e signos refletem e refratam aspectos singulares da realidade dos enunciados que constituem o *corpus* selecionado neste artigo. Esperamos, nesse sentido, ter contribuído para as reflexões no campo da linguagem em relação à perspectiva dialógica e dos reflexos e refrações dos conceitos por ela evocados nos mais variados contextos.

REFERÊNCIAS

AVILA, Fábio Rodrigues de. A flatterie nas Fábulas de La Fontaine: a corte vista por um moralista do século XVII. *Lettres Françaises*, Araraquara, n. 19, p. 31-51, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos; MENEGASSI, Renilson José. Entonação valorativa em atividades de leitura. In: ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; MENEGASSI, Renilson José; FUZA, Ângela Fuza (org.). *Leitura e ensino de língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 195-235.

COLEONE, Eduardo. *Millôr Fernandes: análise do estilo de um escritor sem estilo através de suas fabulosas fábulas*. 2008. 63 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

FARENCENA, Gessélda Somavilla; FUZER, Cristiane. A representação dos personagens Lobo e Cordeiro nas fábulas de Esopo e Millôr Fernandes. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 138-146, 2010.

FAUSTINO, Lucas Rocha. Os riscos do pensar filosófico em tempos autoritários. *Problemata Revista Internacional de Filosofia*, João Pessoa, v. 10, n. 5, p. 348-357, 2019.

FERNANDES, Millôr. *Novas fábulas e contos fabulosos*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

FIORIN, José Luiz. Millôr e a destruição da fábula. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 30, p. 85-94, 2001.

GOMES, Silvio Nazareno de Souza; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. Conceitos axiológicos em recursos linguístico-enunciativos no gênero discursivo fábula. In: BELOTI, Adriana; POLATO, Adriana Delmira Mendes; BRITO, Pedro Augusto Pereira (org.). *Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis*. 1 ed. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2021. v. 1, p. 49-73. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/editora/obras-digitais/dialogismo-e-ensino-de-linguas-reflexos-e-refracoes-na-praxis>. Acesso em: 19 jan. 2024.

LA FONTAINE, Jean de. O lobo e o Cordeiro. *In: LA FONTAINE, Jean de. Fábulas*. Trad. Ferreira Gullar. Ilustrações de Gustave Doré. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

MENEGASSI, Renilson José. Entonação valorativa em palavra escrita. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-22, 2022.

MENEGASSI, Renilson José; CAVALCANTI, Rosilene da Silva de Moraes. Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. *In: FUZA, Ângela Francine; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José (org.). Interação e escrita no ensino de língua*. Campinas: Pontes, 2020. p. 99-118.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievich. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *Palavra na vida e palavra na poesia*. Organização, Tradução, Ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

XAVIER, Francisco Cavalcante. A fábula “o lobo e o cordeiro” à luz da perspectiva dialógica da linguagem. *Verbum*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 199-211, 2023.

ZANIRATO, Andreli. Saint Joan: Joana d’Arc em George Bernard Shaw. *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 9-24, fev. 2011.